

Angola torna-se prioridade na Camargo

Yan Boechat

O conjunto de mais de dez barracas brancas de formato tubular contrasta com a terra vermelha típica do Norte de Angola. A distância, parece mais um desses complexos futuristas pós-hecatombe nuclear, tão comuns nos filmes de ficção científica das décadas de 70 e 80. Mas as barracas, rodeadas por centenas de casas com paredes de barro e tetos de palha, não fazem parte de nenhum abrigo experimental ou coisa assim. São apenas os escritórios, os depósitos e os alojamentos de mais um canteiro de obras em uma área remota da África.

As barracas foram a melhor opção encontrada pela construtora brasileira Camargo Corrêa para instalar seu quartel-general no norte de Angola, onde está construindo uma linha de transmissão de energia de 200 quilômetros. Em uma região arrasada por uma guerra civil de quase 30 anos e sem qualquer tipo de produção industrial a centenas de quilômetros, barracas trazidas do Canadá começam a fazer bastante sentido, mesmo em uma obra que deve se estender até meados de 2010.

Há três anos em Angola, a Camargo Corrêa está aprendendo que para atuar em um país que nada produz senão petróleo e diamantes e ainda assim cresce a uma taxa média de 20% ao ano é preciso muita capacidade de adaptação. A opção por barracas que vêm do outro lado do mundo em vez de construir alojamentos, como se faz em qualquer canteiro de obras, seja talvez um dos exemplos mais explícitos desse "jogo de cintura" contínuo, mas não o único. "Apesar das similaridades culturais, Angola tem características muito específicas, muito distantes de nós", diz Amauri Pinha, diretor da Camargo em Angola. "A guerra acabou apenas há seis anos, o país está sendo reconstruído, tudo ainda é difícil", diz ele.

É exatamente esse esforço de reconstrução e a incrível expansão econômica patrocinada pelo petróleo que fazem a Camargo Corrêa, assim como outras construtoras brasileiras especializadas em infra-estrutura, como a Andrade Gutierrez, a Queiroz Galvão e a veterana Odebrecht, enfrentar todas as dificuldades inerentes a um país africano recém-saído da guerra. "Apesar de estar todo mundo aqui, praticamente não há concorrência, há espaço para todos, tudo está para ser feito", diz.

E dinheiro para isso, pelo menos até agora, não tem faltado. Com uma produção que deve superar a casa dos dois milhões de barris por dia em 2009, Angola vai tornar-se o maior produtor da commodity na África, superando a instável Nigéria. Só no ano passado o Produto Interno Bruto (PIB) do país cresceu 23,4%, sobre uma expansão de 18,6% em 2006. Para este ano a previsão é de que o PIB avance outros 17% e, para 2009, mesmo com a queda abrupta no preço do petróleo, o Banco Mundial estima um crescimento de 12%. Por isso, com raras exceções, os recursos para as obras de reconstrução vêm diretamente do tesouro angolano. No caso da Camargo, apenas a linha de transmissão de Uije, no valor de US\$ 108 milhões, conta com financiamento do BNDES.

Desde que chegou ao país, a Camargo Corrêa conseguiu formar uma carteira de contratos de US\$ 1 bilhão, de longe o melhor resultado em sua recente expansão internacional. A expectativa é de que o crescimento no volume de obras se mantenha em 2009, quando as receitas do país ainda não estarão plenamente afetadas pela redução da cotação do petróleo.

Não à toa, a holding do grupo decidiu elevar a operação angolana de patamar. A partir do mês que vem, Amauri Pinha não se reporta mais à divisão internacional da construtora, como todos os outros países onde a empresa está instalada. Estará subordinado diretamente a Antônio Miguel, o presidente da Camargo Corrêa Construção e Engenharia. Angola, como se vê, virou a menina dos olhos da companhia no mercado internacional, uma área que a Camargo começou a explorar inicialmente nos países latino-americanos no segmento de infra-estrutura.

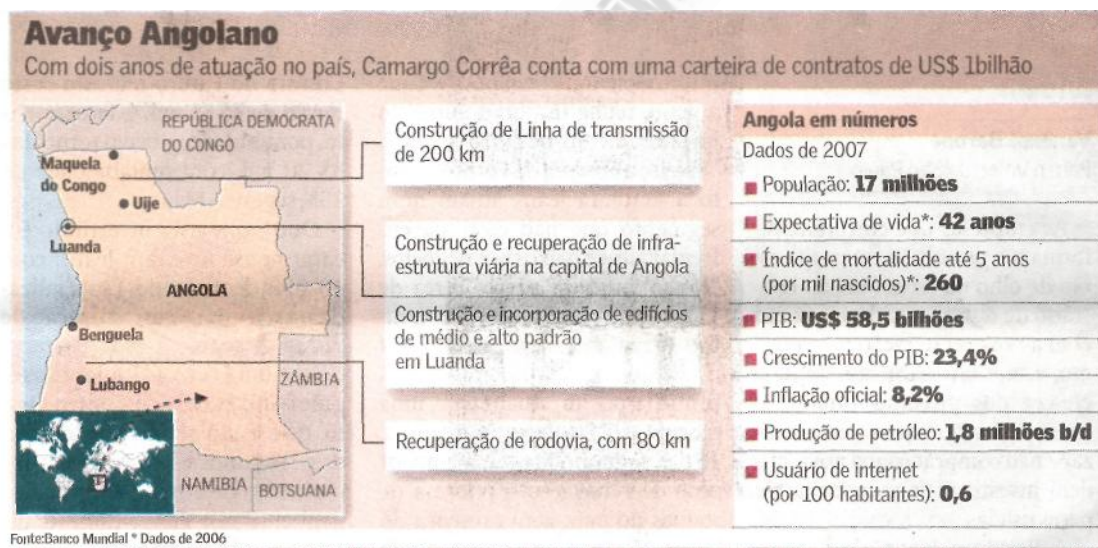
Em Angola o foco da construtora também são as obras de estradas, pontes, pavimentação de ruas e estruturas de distribuição de energia. Hoje a companhia está realizando sete obras no país. Quatro delas na capital, que são chamadas de "obras de Luanda" e envolvem a construção e a pavimentação de ruas e vielas completamente destruídas pela má conservação.

Ao mesmo tempo a companhia também está fazendo a recuperação de um trecho da rodovia que liga a cidade de Lubango, no Sul do País, a Benguela, a segunda maior cidade de Angola e um dos principais pontos de embarque dos milhões de angolanos enviados ao Brasil como escravos.

São obras importantes para a Camargo, mas não tão estratégicas como a linha de transmissão que está sendo construída entre Uije e a cidade de Maquela do Congo, já quase na fronteira com a República Democrática do Congo. A instalação de cerca de 400 torres e mais de 600 quilômetros de cabos pode ser a porta de entrada para uma área que é uma das prioridades da Camargo Corrêa: a geração e distribuição de energia.

Angola é um dos países com o maior potencial hídrico do Sul da África. No entanto, conta apenas com uma hidrelétrica, construída pela Odebrecht na década de 90. Raras são as cidades angolanas que não utilizam geradores. Mais raras ainda são as casas em Luanda que recebem energia elétrica. "Os projetos começarão a sair em pouco tempo e queremos estar preparados para disputá-los, diz Amauri.

O goiano José Di Oliveira é o responsável para que tudo saia bem na obra de Uije. Ele e outros 90 brasileiros vivem de forma quase improvisada na região Norte de Angola para que as obras sigam seu rumo corretamente. Oliveira é um dos poucos que moram em uma casa, dividida com outros quatro engenheiros. A maior parte dos brasileiros estão alojados nas tais barracas futuristas. "Aqui em Uije ainda é bom, tem até supermercado, mas em Maquela do Congo, onde muitos brasileiros estão, não há absolutamente nada, nem uma venda de secos e molhados", diz ele. "A barraca, que de início assusta, torna-se na verdade um hotel de cinco estrelas por aqui", diz ele, já acostumado às peculiaridades de uma região tão diferente do Brasil.



Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 15 dez. 2008, Empresas & Tecnologia, p. B8.